

# EVA

Conto de

CRUZ FILHO

A substância da pequena história que ora reduz a escrito nesta página, com endereço à instrução dos povos, encontra-se num velho códice judaico, existente na célebre biblioteca da Universidade de Amsterdão. A autoria deste paralipómeno é atribuída, sem nenhuma controvérsia, a um antigo escriba ou levita hierosolimitano, de nome Natã bar-Abás, que viveu em Babilônia pela época do cativo do rei Sedecias, provavelmente entre os anos 588-538, antes da era cristã. O precioso manuscrito foi adquirido na cidade de Axum, na Abissínia, em 1493, pelo intrépido viajante flamengo Abraão Kalf, companheiro de exílio naquele país do lusíada Pero de Covilhã; é uma tradução etiópica do texto hebraico primitivo, hoje inteiramente perdido, e contém interessantes esclarecimentos no tocante às crônicas bíblicas do calamitoso povo de Deus. Sabe-se que o negús Alexandre tinha em grande apreço o velho códice, e o trazia constantemente à cabeceira, para distração pessoal nas suas vazias noites de insônia.

Se, por um lado, a vetusta tradição fixada na escrita por esse obscuro escriba Natã bar-Abás contradiz em ponto essencial a versão da origem do gênero humano que foi conservada no primeiro livro do *Pentateuco*, dá-nos ela, por outro lado, uma noção mais verossímil e, sobretudo, menos heteróclita, da maneira por que se passaram os remotíssimos eventos paradisíacos.

Atendendo à índole poética e algo transcendental do episódio de que vou tratar, apresento-o aqui, atualizados os conceitos e proposições, em sim-

ples forma de conto, à maneira romântica da Baronesa Ana von Krane ou de Perez Escrich, refugindo assim à seca e embrulhada narrativa do códice judaico a que fui colhê-lo.

\* \* \*

Os últimos tempos do período Caótico foram excessivamente tumultuosos. Logo no início da grande transição, lucilou, refulgiu portentosamente, no cérebro de Iavé, a concepção do Universo. Em seguida, após longos e operosos dias, em que Iavé afanosamente criou, selecionou e distribuiu o complexo material nas profunduras dos Céus, o imponente e majestoso edifício cósmico ficou solidamente concluído. O Sol, flamívomo e juvenil, começou de circular na amplidão imensa do espaço, à volta da Terra ainda palpitante do atrito das mãos onipotentes, e a Lua, ainda fresca e casta, pairou também sob a vasta abóbada azul — o primeiro com a árdua missão de aclarar a face da Terra durante o curso dos dias, e a segunda, que depois se revelou desidiosa ou omissa no exercício normal das suas funções, com o encargo monótono de a esclarecer durante o período das noites. Conjuntamente com o Sol e a Lua, Iavé, num gesto distraído da sua pródiga mão, deixou cair, nas profundidades miltônicas do abismo, um punhado de grãos luminosos: e logo as Ursas, os Cães, o Navio, o Escorpião e todo o povo miudo das estrelas começaram a luzir, a coruscar inquietamente no firmamento, todos curiosos e embevecidos ante a grandeza e a magnificência do nosso preclaro Sol, monarca dos monarcas sidéreos.

Ultimados que foram o arranjo e a distribuição da obra do pensamento divino pelas imensidades celestes, o grande Iavé baixou, finalmente, à Terra, e logo lhe pôs por cima o manto verdejante das florestas, povoou-a copiosamente de animais de todos os matizes e meteu nos respectivos álveos os cursos errantes dos ribeiros e dos rios. Então, adregou-lhe encaminhar-se para as lezírias paludosas do rio que depois veio a chamar-se Eufrates e que rega as ter-

ras ferazes da Mesopotâmia. Alí, num desvão da floresta marginal, tomou Iavé, resolutamente, um pouco do limo da margem, amolga-o, distende-o, afeiçoa-o com sapiência e paternal carinho: — e eis que o Homem cai das mãos supremas...

Ao outro dia, depois de haver conduzido o esplêndido Adão ao cerrado do Jardim das Delícias, o Onipotente ascendeu aos Céus, afim de se refazer das divinas fadigas da Obra dos Seis Dias.

Mas, ao penetrar o perístilo da morada excelsa, situada além das estrelas mais remotas, calamitosa surpresa aguardava o celeste Obreiro! — Anjos, legiões de anjos haviam-se rebelado contra o seu Autor e, reunidos no átrio da habitação empírea, vociferavam terríficas ameaças, no absurdo propósito de colocar os seus tronos acima dos astros que refulgissem. Capitaneava o olímpico motim o resplandecente e enfurecido Satanaz, que ora se postava desdenhoso à frente da falange sediciosa. Esse demônio era, então, uma das personagens mais insignes da Corte do soberano Iavé; por motivos obscuros de política interna da mesma Corte, maquinara à sorrelfa, com outras entidades conspícuas do mundo angélico, contra o sólio do Altíssimo, com quem então não se haviam ainda consubstanciado hipostaticamente as duas outras Pessoas complementares da Trindade.

Mas agora, com o regresso do supremo Iavé, a reação se pronunciou vigorosamente. A coorte invencível dos anjos fiéis, munidos todos de flamantes gládios, caiu inopinadamente, ao comando do belaz Miguel, sobre a população réproba dos demônios e, em poucos instantes, os rebeldes, furiosamente contundidos, foram com o seu abominável chefe precipitados, num coriscar de golpes e de raios, nas profundezas tenebrosas do Abismo.

Desde então Satanaz, tendo conservado, ainda depois da irremissível queda, copiosa parcela dos dons excelsos que conferem à natureza angélica percalços superiores aos da natureza humana, pode gozar amplamente, além do dom precioso das metamorfoses, as suspeitas vantagens da ascidade e do livre arbítrio. Assim é que podemos vê-lo mais tarde, na narrativa mosaica, transvestido em loquaz serpente e, em pleno século XVI da nossa era, acom-

panhar, sob a figura doméstica de um cão, ao famoso filósofo cabalista Cornélio Agripa.

\* \* \*

Entretanto, no outono do primeiro ano da Criação, uma vasta, sonolenta paz envolvia o Universo. Haviam terminado para sempre o alvoroço e a balbúrdia das construções cósmicas; as unidades solares haviam regularizado e sincronizado as suas trajectórias na amplidão do Infinito; a ordem e a tranquilidade tinham volvido a dominar entre os ânios angélicos.

Somente Adão, solitário no seu Jardim das Delícias, parecia não passar bem. Pesado tédio empolgava-o desde a primavera, e o perfeito mancebo, metido consigo próprio, não raro se refugiava na solidão dos bosques edênicos, e ali chorava profusamente, acometido do mal que, à mingua de palavra clássica adequada à expressão do fenómeno, chamarei ginostalgia. Porque Adão, em verdade, era torturado pela vaga e indecisa intuição da "mulher", cuja feitura, por deplorável lapso, não havia ocorrido à munificência divina.

Moço, belo, revestido de todos os esplendores da recente criação e rodeado do espetáculo afrodisíaco que lhe oferecia toda a fauna terrestre, a debater-se precipuamente nos torneios volutuosos de amor, o primeiro homem quedava melancólico, como se o espezinhassem ali instantes saudades do Céu. Às vezes, acorçado sobre um fraguado, coçava pensativamente o queixo, e talvez alguma estrofe alada lhe passasse pela mente sonhadora. Nas claras noites de elegíaco luar, que no Paraíso eram de um pérfido e enigmático encanto, é bem possível que o solitário, ao contemplar mudamente o disco da lua-cheia, a correr pelo firmamento remoto, sentisse subir-lhe do coração o sentimento íntimo deste dístico melancólico que Guido de Maupassant haveria de por mais tarde nos lábios do desventurado poeta Norberto de Varenne :

Et je cherche le mot de cet obscur problème  
Dans le ciel noir et vide où flotte un astre blême.

Mas foi numa morena tarde desse doirado

outono que dois acontecimentos vieram decidir da sorte do rei da Criação. Num dos seus incertos giros habituais pelas cercanias do Eden, deparou-se-lhe a súbitas, num recesso deferente da floresta, lírico idílio de amor entre um casal de chimpanzés. Dir-se-ia que o corpulento antropóide, no seu colóquio clandestino, entoava ao ouvido lascivo da companheira um ardente madrigal, enquanto lhe anediava, com os pesados dedos, as grandes orelhas despegadas. Adão parou, com um sorriso salaz no olhar enlanguescido, e, muito conseqüentemente, deverá ter formulado esta interrogação mental ao onipresente lavé:

— Por que somente eu vivo só?

Depois, prosseguindo no seu passeio vespertino, acertou em seguida de se avizinhar da cristalina fonte, que, escapando-se do angusto cinto de rocha que a retinha a um ângulo do bosque, descia, fugia através das lájeas do leito, a segredar aquela canção de saudade que, à hora do crepúsculo e pela placidez das solidões noturnas, só as aguas vivas sabem dizer às ervas e às árvores do ermo.

E logo, instantaneamente, eventualmente, a imagem do belo mancebo paradisíaco se retratou no espelho tranquilo do tanque, a que os derradeiros raios solares emprestavam uma profundidade mais acentuada, mais evocativa.

Adão ficou extático. E foi muito espontaneamente que, vendo-se assim duplicado pelo sortilégio da agua profunda, cujo monólogo aumentava na bacia de pedra, lhe irrompeu pela primeira vez dos lábios, num relâmpago de intuição ou raptó instintivo, à semelhança de um cântico erótico, este monossílabo maravilhoso:

— Tu!

\* \* \*

Ora, Satanaz, assinalado pela maldição divina e arrojado ao Abismo pela ensífera legião angélica, não se havia resignado à humilde situação advinda dos seus orgulhosos propósitos. Assim, não tardou em exsurgir do Bátrato, e ei-lo agora, com a sua carantonha de réprobo, as suas asas de vampiro e

cornos de fauno, a voejar à roda da Terra, maquinando catástrofes e conflagrações.

Por esse tempo, é bem possível que haja pairado nas circunvizinhanças do Jardim das Delícias, precisamente no outono memorável em que Adão andava a remirar-se ao espelho cristalino das águas puras da fonte, arrebatado pelos mais transcendentes sonhos que o homem há sonhado sobre a face do planeta.

E foi então que ao arcanjo decaído ocorreu o plano insidioso de hostilizar o seu figadal inimigo onipotente, tentando frustrar-lhe a obra incomparável.

Raiava, então, loira, radiosa manhã outonal. A Natureza, fresca, ridente, toda risos e galas, saía, como um belo sonho de poeta, das indecisões e brumas da noite. — E eis que, com passo solerte e astuto, encaminha-se o Dragão para o Eden, a estância de belezas e encantamentos habitada pelo homem. Mas, ao chegar à margem da plácida correnteza do Pisão, um dos quatro rios que regavam a região bendita, Satanaz recuou surpreso! O seu aspecto hediondo, as asas membranosas, os chavelhos retorcidos e a cauda anguiforme, que logo se refletiram nas águas pacíficas, não eram de certo credenciais idôneas para o bom êxito da empresa que o levava ao Paraíso. E ele, parado à riba da corrente silenciosa, meditou um momento, movendo a cauda; as asas se lhe ajustaram vagarosamente ao corpo. Lançou, em seguida, o olhar em torno, inteirando-se da solidão do sítio e, naquele minuto histórico, acometeu-o uma idéia suprema! — E ei-lo arranca os cornos à frente, despoja-se das asas e da cauda, adelgaça os contornos do corpo e, a súbitas, transmuda-se num estranho, imponente e transcendente ser, dotado de quantas perfeições poderia idealizar o espírito dos Abismos!

A seus pés, a água do rio, repousada num remanso discreto, copiava-lhe agora a engenhosa metamorfose, que ele contemplava envaidecido, sorrindo às resolutas flexões do talhe escultural, cujo desenho audacioso usurpava à lira a hierática forma. Em ondulada cascata, cafa-lhe o cabelo de ouro, rorejado dos orvalhos do bosque, sobre a curva musical dos quadrís; acusava-se-lhe insolente a redondez repleta do colo, e de todo o seu ser se evolavam

frescuras de auroras, fragrâncias de vergel, virgindades de áditos florestais . . .

E o improvisado silfo, num volutuoso auto-enlevo, ensaia o passo taful, o sorriso mágico, o gesto casquilho, calculado, medindo o prestígio diabólico da sua sedução.

Depois, ao gorgear dos pardais e dos melros azues que, à roda, lhe entoam o seu hino, transpõe a corrente do rio Pisão, oferecendo desdenhosamente ao Sol as duas túrgidas maçãs paradisíacas que lhe adornam o mirífico busto . . .

E embrenhou-se adiante no bosque de sicômos que contornava o ângulo ocidental do Jardim das Delícias.

\* \* \*

Naquela morena tarde outonal em que o deixamos há dois minutos à margem da fonte de rocha, no ermo nemoroso do Eden, a confiar às águas sussurrantes as confusas amarguras do coração, o primeiro homem recolheu cedo à sua melancólica caverna. E logo a noite veio, sorrateiramente, descendo das montanhas e morros circunstantes, à feição de uma grande mágoa espiralada da alma da Natureza.

A Lua, a formosa rainha do céu noturno, não comparecera naquela noite ao conclave silencioso das estrelas. E densa escuridão pesou sobre a terra sonolenta . . .

Estirado sobre o leito de macio feno, Adão re-luta em conciliar o sono. As comoções da tarde continuam a ressoar-lhe no espírito, abrindo vagos e fugitivos horizontes aos mais ousados devaneios. Fora, na vazia solidão da terra pacificada, os bramidos amorosos das panteras alternam-se com os regougos das raposas, o bramar dos corvos e o azoiar dos insetos, perdidos nas massas suspeitas dos bosques adormecidos.

Depois, já noite alta, o homem cedeu às fadigas do dia tumultuoso, e logo a sua caverna se alumbrou prodigiosamente. As sáxeas paredes internas acusam com nitidez as arestas pontiagudas, a abóbada alteia-se sobrenaturalmente e uma como

melodia inconcebível sai dos objetos, sobe do solo para no ambiente enfeitado. Dir-se-ia que Iavé, com todo o seu fulgor e majestade, havia retornado ao Eden...

Mas não era bem Iavé que ali se encontrava. A imagem refletida no cristal das águas do tanque de pedra, agora com significação e relevos mais expressivos e minúcias mais singulares, havia penetrado no recesso da gruta. Adão a vê, contempla-a em todo o seu encanto e beleza, ali perto, ao alcance das suas mãos. Sente-lhe o calor, o aroma indefinível da pele, o bafo oloroso da boca e, nesse instante, a voz melodiosa do fantasma, num cântico inefável, expresso em idioma ininteligível, parece esforçar-se por transmitir-lhe o seu pensamento secreto...

Mas, ao cingir, finalmente, aos braços a cinta airosa do silfo noturno, eis que surge repentino, no limiar da caverna, o corpulento chimpanzé cujo colóquio ele surpreendera no bosque; e o monstro, tomado de inusitado furor, logo o agride, lhe arrebatando às mãos a formosa presa, e começa a devorá-lo tranquilamente a um canto da fuma, com apetite de canibal.

A essa altura do pesadelo, Adão despertou. O chimpanzé saúdo, a visão, a melodia, o madrigal amoroso, tudo se volatilizou irremediavelmente nas sombras da caverna.

Adão ergueu-se do leito, e logo percebeu que começava a amanhecer. Deslocada a pedra que fechava a abertura da lapa, o sagúneo espetáculo do arrebol matutino logo dissipou a impressão trágica do antropóide ciumento, e o homem sorveu à larga as emanações aromáticas dos prados embevecidos. O oriente laivava-se de ouro e púrpura; uma aragem fresca e saudável embalsamava a atmosfera; as fontes escondidas nas relvas diziam a sua antifona mística e as estrelas fugiam, apagavam-se pelo firmamento cor de pérola. À roda emergiam os contornos confusos das montanhas, dos morros e do arvoredo, como num raptó musical de Bach, das derradeiras sombras noturnas. —E Adão, levado ainda pelo encanto do evaporado silfo que tivera um instante entre os braços, foi caminhando através da



campina, atento ao concerto do passaredo, que começava de saudar a vinda do Sol.

Mas, ao atingir a orla do bosque, ligeiro restolhar de passos impede-lhe a marcha. E ele, num vago susto, alongou o focinho, aguçou a narina e o ouvido, envolto na claridade rosada do alvorecer...

Foi então que Eva, em estonteante e pulcra nudez, num prônubo arrebol de pudor, entrou no Paraíso Terreal.

\* \* \*

Quando o austero professor Valentim da Gama, no meio dos aplausos dos cavalheiros presentes, terminou a narração romanceada deste episódio, perante uma assembléia de moços e senhores da aristocracia local, um discreto frêmito de protesto percorreu o salão festivo. Mas apenas uma circunspecta matrona, a senhora D. Mafalda Messias, ousou comentar em tom incisivo:

— Merece todo o crédito a história do tal levita Natã. Mas os senhores não passam sem elas... Nunca puderam passar sem elas!

(Do livro «O Cisne de Leda»)

---

---